

AJ04536

# TRIBUNA LIVRE



MATHEUS ALBERGARIA DE MAGALHÃES

## Olimpíadas e economia

**O** Brasil deve sediar a 31ª edição dos Jogos Olímpicos, em 2016. Este fato, por si só, gera alguns questionamentos interessantes. Inicialmente, poderíamos nos perguntar se há alguma relação entre um evento deste porte e a economia nacional.

Ou seja, a economia de um país influencia ou é influenciada pelas Olimpíadas?

Atualmente, não há muitos estudos relacionados ao tema em Economia.

Entretanto, um estudo chama atenção pela originalidade em termos de abordagem e resultados. Faço referência ao trabalho dos economistas Andrew Bernard e Meghan Busse, intitulado *Who wins the Olympic Games: economic resources and medal totals*, publicado em um periódico acadêmico no ano de 2004.

Segundo Bernard e Busse, países com maiores populações deveriam, teoricamente, ganhar um maior número de medalhas.

A razão é simples: uma maior população aumenta a probabilidade de ocorrência de atletas talentosos em várias modalidades.

Mas, se esta hipótese for de fato verdadeira, deveríamos ter uma situação na qual países como China, Índia e Indonésia, que possuem as maiores populações do globo, seriam aqueles que obteriam a maior parcela de medalhas olímpicas. Entretanto, este não parece ser o resultado que prevalece.

Mas a inclusão de uma variável como o PIB per capita (ou seja, o PIB dividido pelo número de habitantes do país) tende a melhorar consideravelmente previsões relacionadas ao número de medalhas obtidas por país.

Quando considerado isoladamente o PIB, cada país apresenta certo grau de superioridade em termos de previsão. O raciocínio aqui é o seguinte: países mais ricos teriam, em média, melhores condições de treinar atletas e mandá-los para as Olimpíadas.

Outro resultado interessante obtido no estudo equivale ao fato de que países que cediam os jogos olímpicos tendem a ganhar um maior número de medalhas.

Por exemplo, o custo que um país incorre ao mandar atletas pa-

ra os jogos tende a ser menor em uma situação em que este país sedia o evento.

Também é conhecido o efeito benéfico de atletas competirem em casa (efeito torcida).

De fato, estimativas reportadas demonstram que um país sede ganha, em média, cerca de 2% a mais de medalhas do que o montante previsto pelo modelo estatístico adotado.

Qual é a adequação do modelo proposto pelos autores à realidade? No caso dos Jogos Olímpicos de Sydney, os Estados Unidos apresentaram um número previsto de medalhas em torno de 100, magnitude não muito distante do número efetivo de medalhas obtidas por este país (97).

Por sua vez, a China apresentou um número previsto em torno de 50 medalhas, embora tenha obtido um número superior (59).

No caso do Brasil, o modelo utilizado pelos autores previa um total de medalhas em torno de 18, mas o número efetivo acabou sendo menor (12).

Os resultados do estudo certamente não representam a palavra final sobre a relação entre economia e jogos olímpicos.

Apesar de apresentar limitações, o estudo é interessante por levantar questões acerca da influência de fatores econômicos sobre o desempenho esportivo de distintos países.

Uma interessante questão reversa relacionada ao tema seria a seguinte: quais são os efeitos de longo prazo dos Jogos Olímpicos sobre um país?

Ou seja, o fato de o Brasil sediar estes jogos poderá aumentar sua taxa de crescimento no longo prazo?

Desde já, fica a sugestão de um maior volume de pesquisa em Economia neste sentido.

Matheus Albergaria de Magalhães é economista



**O fato de o  
Brasil sediar  
estes jogos  
poderá  
aumentar sua  
taxa de  
crescimento?**